



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



“NOSSA GUERRA CONTRA VOCÊS”:
IDENTITARISMO E O CASO DA LEGIÃO IDENTITÁRIA

Gustavo Henrique Shigunov¹

Resumo: Com o início das crises migratórias nos países europeus, ocasionadas por conflitos políticos e militares na África e no Oriente Médio na década de 2010, organizações e grupos de extrema-direita começaram a aparecer no cenário internacional com uma única missão: resgatar a “identidade europeia”. Hoje, o movimento identitário, como ficou conhecido esse fenômeno, está presente em ao menos 23 países, compondo uma rede complexa e transnacional de grupos independentes entre si mas unidos pelo mesmo núcleo comum ideológico. Nesse sentido, o presente trabalho pretende analisar a atuação e o desenvolvimento do grupo identitário brasileiro “legião identitária”. Fundado em 2016, o grupo visa preservar e fortalecer a identidade e a cultura eurodescendente da região sul do país. Procuramos entender os vínculos do movimento europeu com o grupo brasileiro, diferenças, singularidades, atuações nas redes sociais, buscando contribuir para o entendimento do movimento identitário e recente ascensão de “novas direitas” no Brasil.

Palavras-chaves: Movimento identitário, Extrema Direita, Legião Identitária.

INTRODUÇÃO

Ao escrever “Combates pela História” em 1952, o historiador francês Lucien Febvre já nos alertava para a constante adaptação que deveria ser feita a um mundo “perpetuamente escorregadio” (FEBVRE, 1989, p. 44). Passados 69 anos, sua proposta continua mais atual do que nunca, o historiador não deve fugir das questões sociais de seu tempo, o pensamento é intrinsecamente ligado à ação, é preciso, segundo ele,

que a História deixe de vos aparecer como uma necrópole adormecida (...) É preciso que, no velho palácio silencioso onde ela dorme, vocês penetrem animados da luta, todos cobertos de poeira do combate, do sangue coágulo do monstro vencido – e que, abrindo as janelas de par em par, avivando as luzes e restabelecendo o barulho, despertem com a vossa própria vida, com a vossa vida quente e jovem, a vida gelada da Princesa adormecida (FEBVRE, 1989, p. 40).

¹ Mestrando em História vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista CAPES/DS. E-mail: gustavoshig@gmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



De fato as indagações apontadas pelas teorias da História do tempo presente, História pública e História digital vêm de encontro não só com a assertiva de Febvre, mas também com a recente ascensão de grupos sociais – em especial de extrema-direita – que, com a instrumentalização da internet como principal veículo comunicacional, não mais vocalizam sua história e “passado histórico” através da prerrogativa do historiador profissional ou acadêmico, mas sim pelo que é pragmaticamente mais vantajoso, reforçando narrativas e preconceitos próprios em detrimento da contextualização e método histórico (MALERBA, 2017, p. 144-147).

O presente artigo visa contribuir para o estudo das chamadas “Novas Direitas”² a partir da análise e pesquisa do grupo “Legião Identitária”. Fundado por estudantes em 2016, o grupo visa ou visava³ a preservação e fortalecimento da identidade eurodescendente da região Sul do Brasil. Fortemente influenciado pelo movimento identitário internacional, em especial o francês e austríaco, o grupo tem como principais valores a defesa e preservação do nacionalismo, tradicionalismo, família e cultura aristocrática. Permeado pelo intenso ativismo nas redes sociais, a clivagem intelectual do grupo e modo de ação perpassa pela noção de identidade⁴ europeia, herdada pela imigração de europeus ao Sul do Brasil no final do século XIX, em oposição ao globalismo⁵, multiculturalismo e qualquer denotação de progressismo político e cultural.

² Para Odilon Caldeira Neto, diversos são os termos e temas utilizados para classificar e interpretar o crescimento de grupos de direita e de forças conservadoras em contexto brasileiro. A variada gama de interpretações demonstra a heterogeneidade desses grupos, suas motivações, políticas, fontes e discursos. Nesse artigo, utilizaremos “Novas Direitas” para nos referir a grupos de direita e extrema-direita provenientes desde 2013. Para mais informações: CALDEIRA NETO, O. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil”. **Conhecer**: debates entre o público e o privado, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.

³ Em janeiro de 2021, através de uma publicação excluída na rede social Instagram, o grupo anunciou um hiato em suas atividades e postagens na internet. Contudo, conforme demonstraremos no artigo, cremos que não trata-se de um fim mas uma pausa estratégica atrelada à conjuntura política desfavorável que o movimento identitário internacional vêm enfrentando.

⁴ Aqui é preciso esclarecer o que entendemos por identidade ou identitarismo visto que o termo percorre tanto o espectro político da esquerda quanto da direita. Nesse artigo, estamos falando de identitarismo à direita, ou seja, não se aplica as noções de políticas identitárias e grupos “identitários” que centram suas experiências e análise política na aliança de “identidades periféricas” como os esforços por melhores condições sociais do movimento negro, LGBT e dentro da esfera do movimento feminista. Para mais informações sobre o movimento identitário de esquerda ver: HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade**: raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Veneta, 2019.

⁵ Para o movimento identitário, a ideologia do globalismo, arquitetada por uma elite empresarial-burocrática, é uma forma intensificada, herdada do universalismo judaico-cristão, de ocidentalização como pretexto para expansão do modelo liberal de vida, ou seja, na centralidade do individualismo, miscigenação, imigração em massa e desenraizamento das culturas locais como paradigma político e cultural.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



A “Legião Identitária” é um grupo de extrema-direita. Apesar de negarem qualquer classificação política binária (esquerda ou direita) e se autodenominarem “identitários”, para efeitos práticos adotaremos essa categorização por entendermos que suas atividades na internet, seja por meio direto ou indireto – associado com grupos sociais amigos – e seus membros, demonstram desapeço pelo processo democrático vigente, imigração, serem anticomunistas e pregarem pela noção de “etno pluralismo”. Uma outra identificação possível é a de “nacionalistas étnicos” (BØRJO, RAVNDAL, 2019, p. 02-3) devido a seu distanciamento do liberalismo, promoção do conservadorismo referente às questões sexuais e de gênero e retórica contra a miscigenação

Trata-se de um fenômeno complexo, de latitude e longitude global, em plano terrestre e virtual. Não é objetivo do trabalho esgotar ou limitar as discussões e outros caminhos possíveis, no entanto, é preciso dar atenção aos detalhes de cada organização em sua conjuntura específica a fim de evitar generalizações e equívocos analíticos. Além disso, é imprescindível ter uma historicidade desses movimentos para evitar o imediatismo e suposto caráter inédito dessas formulações em constantes reformulações (CALDEIRA NETO, 2020, p. 134).

Em suma, o trabalho se dividirá da seguinte forma: no primeiro momento, procuraremos traçar o panorama do movimento identitário internacional, referências intelectuais, valores, atuação e situação atual, entendendo o movimento como uma rede transnacional de grupos e subdivisões cada qual com suas características e hierarquias. Logo em seguida, exploraremos o grupo “Legião Identitária”, sua fundação, características, aproximações e diferenças com os demais grupos identitários, atuação nas redes sociais e possível percurso pós-hiato. Por fim, apresentaremos nossas considerações parciais do estudo, assumindo o legado metodológico de Edward P. Thompson de que as conclusões suscitadas são parciais, provisórias e sujeitas à críticas e revisões (THOMPSON, 1981, p. 49-50).

MOVIMENTO IDENTITÁRIO INTERNACIONAL

Nenhum movimento político nasce no vácuo. Ao falarmos do movimento identitário de direita e sua estruturação atual é preciso remontarmos sua fundação, inserida em uma gênese singular dentro do movimento da *Nouvelle Droite* (Nova Direita Francesa) no final da década de 1960. Há época, as incitações do grupo permeado por uma gama heterogênea de



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



pensadores, jornalistas, grupos e associações de estudantes, eram de caráter contestatório antissistema.

Liderado por Alain de Benoist, seu prestigiado mentor intelectual, o movimento tinha como principal antagonista a esfera progressista dos protestos estudantis de 1968 e seu caráter multicultural e universal. Para Benoist, a principal linha intelectual contra o atomismo individualista e universalismo – noção de que todos podem viver sob uma ordem global consciente e igual a todos – que se desenhava na França, era a defesa das comunidades de espírito, ou seja, determinados ajuntamentos populacionais e culturas devem defender-se pois possuem modos de vida, personalidades e destinos a serem preservados (BENOIST, CHAMPETIER, 2019, p. 07-19). No entanto, a defesa da identidade francesa ou europeia como principal eixo de defesa dentro da Nova Direita Francesa, tornou-se tema de polêmicas e cisões dentro do grupo. A “questão da identidade”, segundo Benoist, deveria ser aberta, sem exclusões, do contrário a defesa da identidade seria somente um pretexto para defesa do racismo e xenofobia de gerações passadas (ZÚQUETE, 2018, p. 10).

Dentre os que passaram a defender a identidade como principal bandeira do grupo estão Guillaume Faye, Dominique Venner, Pierre Vial e Renaud Camus. Para esses intelectuais, a tradição europeia é de características brancas, centrada na classe de guerreiros, padres e produtores dos povos indo-europeus como os celtas, germanos, eslavos e romanos. Se para Samuel Huntington em seu famoso livro “Choque de Civilizações” a civilização é uma entidade cultural, para os pensadores identitários, a civilização é atravessada pelo caráter étnico e biológico em três diferentes níveis (regional, nacional e civilizacional), portanto, é preciso que os europeus (brancos) e os não-europeus vivam separadamente a fim de preservar e não modificar suas respectivas civilizações.

A partir desse substrato ideológico comum⁶ é que o movimento identitário como conhecemos hoje surge. Criado em 2002-2003, o *Bloc Identitaire – Mouvement Social Européen*, surge na França como grupo social. Em 2009 vira partido político para em 2016 transformar-se em *The Identitarians*, movimento híbrido, descentralizado e “centro de

⁶ Ideologia entendida aqui como um sistema de crenças, características de uma classe ou grupo particular interdependente das condições materiais e políticas existentes. A maneira como a ideologia se expressa nos grupos políticos é mediada, testada, averiguada e contestada por divergências internas e pelas externalidades relativas à conjuntura que os grupos estão inseridas. Tais crenças podem estruturar uma “visão de mundo” que constantemente define a identidade de um grupo e não menos importante, define inimigos e sistemas opostos. Para mais informações: EAGLETON, Terry. **Ideology**: an introduction. London: Verso, 1991; WOLFF, Janet. **A produção social da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



formação e de agitação para jovens”. A descentralização faz com que as instâncias locais do movimento identitário que rapidamente começam a se formar depois desse período (entre elas, a própria Legião Identitária), adquiram maior autonomia e capilarização no interior de seus eixos de atuação. Essa rede de relações não é “dada” e muito menos automática, mas sim construída socialmente através de constantes negociações e organizações entre as partes. A extensão dessas conexões depende de diversos fatores como: financiamento, apoio local, repercussão midiática, eficiência em associar-se com outros grupos amigos como o caso da *CasaPound* na Itália, circulação de ideias, militantes, entre outros.

Um dos principais mecanismos de atuação do movimento identitário europeu foi laboração em atividades *metapolíticas*, ou seja, atuação em todos os lugares disponíveis para ação. Essa forma de operação é guiada pela ideia preexistente de que:

as comunidades e o continente [Europeu] já possuem uma essência e cabe aos identitários despertá-la, revitalizá-la utilizá-la e recriá-la nos tempos de hoje, através da música, literatura, esporte, elementos da cultura popular, tornando-a mais atraente para o público jovem. Além disso, os identitários utilizam muitos símbolos não associados com grupos de extrema-direita mas que expressam seus valores e formas “não-conformistas” de associação (ZÚQUETE, 2018, p. 38-9. Tradução nossa).

Trata-se, portanto, de uma remodelação da cultura e das tradições como mecanismo de controle social ou conforme Eric Hobsbawm e Eric Ranger “como cimento para coesa coletiva” (HOBSBAWM, RANGER, 1997, p. 21). A atuação metapolítica no movimento identitário é uma miscelânea de eventos na rua, ocupações de edifícios, perseguição a determinados alvos – atuação polêmica e violenta em bairros majoritariamente ocupados por imigrantes, em especial, muçulmanos – e táticas de guerrilha virtual como a criação de redes sociais próprias, fóruns, sub-comunidades, canais em redes sociais, *podcasts*, *streaming*, e atuação em rádios online.

Não raro, o movimento identitário atua fortemente na produção de estéticas próprias, símbolos, hinos, frases, *memes*, criando novas modalidades de moda a fim de atrair os jovens. O público-alvo são sempre os jovens, particularmente homens até 25 anos. A pretensão é criar um movimento total, uma frente identitária, com cada grupo estabelecendo sua própria ordem regional em atuação metapolítica mas sob os mesmos signos, temas e mensagens.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



A partir dessas ordens regionais que as atuações no meio político por parte dos movimentos identitários torna-se diversa. No caso francês a ligação com a *Front National* (agora, *National Rally*) é visível, com o apoio a legionários locais e campanha para a eleição presidencial de Marine Le Pen em 2012 e 2017, nessa última conquistando 33,9% dos votos válidos. Na Áustria, Alemanha e Itália as associações com o *Austrian Freedom Party* (FPÖ), *Alternative Für Deutschland* (AfD) e *Movimento 5 Stelle* (M5S) trouxeram não só uma quantidade considerável de votos para os partidos mas também prestígio e destaque social para ideias e grupos identitários.

Fomentado pelo crescimento dos partidos populistas de extrema-direita, crise migratória, o aumento do desemprego e o desmantelamento das políticas de segurança social, o movimento identitário contou em seu auge (2016-2019) com pelo menos 63 grupos regionais ativos em 23 países, as últimas estimativas datadas de 2019, colocam pelo menos 70.000 membros em páginas de redes sociais diversas, 41.000 membros em grupos privados no *Telegram* e *Facebook*, 140.000 inscritos em canais na plataforma *Youtube* e milhares de subgrupos espalhados pela internet (MURDOCH, MULHALL, 2019, p. 07-8). É certo que os números não refletem necessariamente os dados de membros ativos, no entanto, é notável observar o sucesso midiático que esses grupos agregam.

Parte desse *hype* em torno de políticas potencialmente perigosas está na habilidade semântica desses grupelhos em transformar ideias extremas em argumentos moderados e plausíveis com a cultura local, dialogando diretamente com os problemas enfrentados pela população, apontando culpados (frequentemente imigrantes muçulmanos mas também políticos e empresários), vítimas e soluções. O objetivo é bastante claro: distanciar-se de grupos supremacistas e neonazistas, mesmo que esse diálogo seja contínuo e não excludente (MURDOCH, MULHALL, 2019).

É digno notar que esses movimentos tiveram influência direta em, pelo menos, quatro ataques terroristas contra minorias nos últimos três anos, tirando a vida de 76 pessoas e ferindo outras milhares. O primeiro e mais violento deles aconteceu em 15 de março de 2019 quando Brenton Harrison Tarant matou 51 pessoas e feriu mais 40 na mesquita de Al Noor em Christchurch na Nova Zelândia. Transmitindo ao vivo em seu *Facebook* e compartilhado para milhões de pessoas, Tarant antes do atentado havia publicado um manifesto alegando que



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



os motivos para o massacre. Dentre eles, cita a teoria da conspiração conhecida no meio identitário como *The Great Replacement* ou “A grande substituição”.

Para Renaud Camus, autor da conspiração, os povos não-europeus são uma ameaça iminente para a demografia europeia por terem uma taxa de natalidade maior do que os europeus, os imigrantes (novamente a insistência nos povos muçulmanos) estariam lentamente substituindo biologicamente a cultura e o modo de vida de todo o continente (CAMUS, 2012). Uma das contramedidas mais famosas apontadas posteriormente pelos diversos grupos identitários europeus foi a adoção do termo “remigração”. Em seu cerne, o termo refere-se a remoção e repatriação dos imigrantes para seus países de origem, ou quando não fosse possível, a proibição de cultos religiosos em línguas estrangeiras, corte nos auxílios sociais e humanitários para aqueles que não se sujeitarem a “cultura europeia”.

Mesmo após sua popularização nos países europeus, a tentativa de diálogo institucional nem sempre foi recíproca, é certo de que se por um lado o movimento identitário europeu cresceu substancialmente nos últimos quatro anos, as pressões por parte das oposições políticas e o monitoramento judicial e policial para com as atividades dos grupos enrijeceram-se. Uma das principais medidas adotadas pelo governo alemão foi a classificação do grupo como extremistas de extrema-direita, permitindo maior vigilância nas atividades do movimento. Nos Estados Unidos, a filial identitária *Identity Evropa* foi desmantelada em 2020 após o vazamento de mensagens privadas de seus membros que atuavam em ligação com grupos supremacistas brancos e neonazistas. Recentemente, em março desse ano, na França, a *Génération Identitaire*, maior associação identitária do mundo, foi banida pelo ministro do interior Gérald Darmanin sob justificativa de ser um grupo que incita a “discriminação, ódio e a violência”⁷.

LEGIÃO IDENTITÁRIA: O CASO BRASILEIRO

Após 2016, o movimento identitário tornou-se transnacional, formando e mobilizando pessoas pelas redes da internet, fomentando discussões, criações de grupos e também associações com demais associações conservadoras ou de direita. A internacionalização dos grupos se deu principalmente pelo fácil acesso a fóruns e agrupamentos na *web*, sobretudo

⁷ O processo de banimento já havia sido aberto em Janeiro depois de uma atividade do grupo na fronteira da Espanha com uso de drones e mensagens anti-imigração, ver em: [France bans far-right anti-migrant group Generation Identity \(france24.com\)](https://france24.com/fr/france/bans-far-right-anti-migrant-group-generation-identity). Acessado em 29 de março de 2021.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



podemos destacar a atuação na expansão virtual no *Reddit*, *Telegram* e nos *Chans* – Fóruns de discussão que preservam a identidade dos autores e em geral não possuem nenhuma moderação ou limite de postagens – essa é de fato uma das características marcantes na formação dos grupos de extrema-direita, a facilidade em criar identidades anônimas e a multiplicidade de estratégias descentralizadas na execução de materiais e produtos culturais de divulgação em massa.

Outra fonte de atuação foi pela tradução de obras e temas dos principais autores identitários, supracitados no artigo. A principal rede editorial foi a Escandinávia Arktos, autointitulada “anti-moderna” a empresa é comandada por Daniel Friberg. Associado em sua juventude com a subcultura neonazista, Friberg atua ativamente na publicação de “novos ativismos” como lançamento de livros, sites, fomento de conferências e na divulgação de representantes do identitarismo global como Markus Willinger, Philippe Vardon e Alexander Markovics (ZÚQUETE, 2018, p. 99-101). John Morgan, ex editor da Arktos, afirmou em entrevista que: “O lado bom do identitarismo é que ele pode ser transplantado em qualquer lugar, não só na Europa mas em qualquer lugar onde pessoas estão ligadas a uma tradição cultural e histórica” (ZÚQUETE, 2018, p. 69).

É nesse contexto que em 23 de fevereiro de 2016 por estudantes do Sul do Brasil, a “Legião Identitária” é fundada. Pode ser considerada, até então, o maior grupo identitário que se têm registro no Brasil. Trata-se de um grupo exclusivamente sulista, ou seja, sua atuação nas redes sociais e nas universidades está restrita a região Sul, centrado especialmente no estado de Santa Catarina. Têm como lema principal a expressão em latim *Mos Maiorum* que significa “caminho ancestral”, ou seja, aquilo que foi construído pelos ancestrais eurodescendentes deve ser valorizado, preservado e aprimorado (LEGIÃO IDENTITÁRIA, 2016).

Como principais valores e fundamentos, a Legião Identitária pouco destoa de suas irmãs europeias, a noção de que características biológicas, psicológicas e espirituais são partes determinantes de um povo e que a identidade é passada exclusivamente pela hereditariedade herdada do sangue é o principal conceito do grupo. Fundamentos como arqueofuturismo - o equilíbrio entre o progresso tecnológico e as raízes ancestrais – sentimento de lealdade e obrigação para com os membros da mesma identidade, tradição e nação são todas



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



características uníssonas no movimento identitário internacional, a grande diferença está na atuação junto à conjuntura local.

A atuação do grupo é igualmente feita pela *metapolítica*, ou seja, para a Legião Identitária é preciso despertar a cultura sulista na população eurodescendente da região, *tornar-se e ser* cultura, imbuída em um só grupo. A grande diferença para com os movimentos europeus está na amplitude, alcance e atuação fora das redes sociais.

Desde o início de sua atuação, os membros da Legião tinham grande receio de seu “ativismo de porão” por inúmeras questões: cenário político “parado” na Guerra Fria; falta de tradição dissidente, citando grupos como *CasaPound*, *Aurora Dourada*, *Génération Identitaire*, *Nova Direita Francesa*, *Quarta Teoria Política* e *Alt Right* estadunidense como exemplos a serem seguidos; estigma do nazismo e suicídio social e de carreira. Esses dois últimos pontos são grandes balizas norteadoras do grupo ao longo de seus quase cinco anos de atuação:

(...) O estigma do nazismo. Não há espaço para se debater identidades etno-culturais no Brasil (a não ser que seja dentro do movimento negro). Aqui se predomina a noção de dívida histórica. Portanto, qualquer grupo branco que clame por uma visão identitária baseada em sua cultura ancestral, é automaticamente taxado de nazista e racista. Nazismo e racismo são crimes de acordo com o Código Penal Brasileiro. Nenhum grupo quer ser acusado de tal forma, ainda mais por nenhum praticar isso. Quem quer ser injustiçado e acusado por algo que não é e, ainda por cima, correr risco de ser penalizado? Os riscos são muito altos. O suicídio social e de carreira. Ser acusado dos pontos citados anteriormente, é fator impulsionante para o suicídio social e de carreira. A partir do momento que é feita uma demonstração pública, tais estigmas atingirão a todos os participantes. O movimento e os membros serão forçados a viver uma vida marcada por tais estigmas, perdendo espaços na sociedade civil e também na vida profissional. Qualquer setor de RH poderá fazer uma pequena busca em seu nome e tais estigmas aparecerão diretamente na primeira página das ferramentas de busca. É o fim de qualquer vaga de emprego (...) (LEGIÃO IDENTITÁRIA, 2016).

O medo do estigma e a perda de prestígio e privilégios sociais é característica marcante dentro do movimento identitário brasileiro. Tal cenário torna a provocação de Jurandir Malerba muito mais instigante quanto confrontada pela assertiva de Eric Hobsbawm a respeito do “rigor técnico” (HOBSBAWM, 1998) que o historiador deve ter com as temporalidades mais próximas de si; ora, como ser rigoroso com a multiplicidade de fontes e seu caráter cada vez mais efêmero na internet? (MALERBA, 2017, p. 142). Não só efêmero,



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



como plenamente modificável, alterável, passível de censura, proibições por direitos autorais e até mesmo a insegurança do pesquisador em se ater a movimentos agressivos com membros escondidos na fumaça do anonimato.

A incapacidade dos grupos de extrema-direita em forjar lideranças e membros carismáticos é notável, de fato são poucas as lideranças, uma das principais é do jovem Bertram Schweickert, um pseudônimo. É dele a maior parte das postagens, conteúdo escrito, tradução de livros, artigos, legendagem de vídeos, divulgação de imagens, *podcasts* e manutenção de uma loja de roupas. O caráter de “lobo solitário” pouco agrega à imagem do grupo, no entanto, nos anos mais recentes, a formulação de frases e imagens com a citação de seu nome tornasse mais frequente em um possível movimento de tornar-se uma referência intelectual identitária no Sul Global visto o caráter subalterno das atuações se comparado com o cenário europeu.

Em um dos poucos acenos fora das redes sociais, a Legião Identitária atuou de forma não-oficial em eventos e eleições de centros acadêmicos e de Diretório Central dos Estudantes (DCE) entre 2016 e 2018 na Universidade Federal de Santa Catarina. Alguns membros tornaram-se defensores ativos da “Chapa Zero”⁸, união de discentes contrários a estrutura universitária e estudantil vigente, de maneira geral, ocupada por uma aliança de forças liberais e conservadoras dentro da estrutura universitária. Um mesmo militante ocupando, reivindicando e participando de diferentes frentes e causas, essa multiplicação de identidades em diferentes temporalidades está ligada intimamente com o que Stuart Hall chama de “fragmentação de identidades” (HALL, 2004) dilatada pelo anonimato das redes e as diversas formas de ativismo que essa ocultação de identidade proporciona.

O anonimato e o baixo número de membros de maneira nenhuma diminuem a importância e impacto que o grupo obteve nas redes sociais, principalmente em sua página oficial do *Facebook*. Desde 2016, o movimento obteve 102.857 reações (curtidas), 46.506 compartilhamentos de conteúdo e 663 postagens. Além da difusão de textos e imagens, a Legião possuiu uma loja de camisetas e camisas com estampas, símbolos e imagens de sua própria autoria. Para o movimento identitário, estética é política. Se o mundo moderno é

⁸ A comunidade possui membros ativos e nas últimas eleições para representação do DCE, ocupou a segunda posição no número de votos. Para mais informações: [Chapa ZERO UFSC | Facebook](#). Acessado em 29 de março de 2021.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



disforme, materialista e utilitarista é preciso que o identitarismo seja belo, crie uma nova vitalidade visual, sensorial e corporal para seus membros (LEGIÃO IDENTITÁRIA, 2019).

Outra característica semelhante ao movimento identitário internacional e que demonstra o caráter transnacional de ideias e fluxos de conhecimento são as traduções de obras e o contato direto com já citada editora Arktos. No dia 11 de março de 2017 a Legião publica a tradução do livro *Die identitäre Generation* (2013) escrito por Markus Willinger, uma das principais lideranças do movimento identitário austríaco. Por intermédio de sua própria editora, *Aquiles Editora*, a Legião associa-se com a rede Arktos Media em contato direto com seu representante Daniel Friberg (WILLINGER, 2016, p. 01). O livro exerce influência preponderante nas postagens, textos e imagens compartilhadas pela Legião em sua página principal. O mesmo acontece quando a *Aquiles* traduz a obra *Manifeste pour une renaissance européenne: à la découverte du GRECE: son histoire, ses idées, son organisation* (2000) de Alain de Benoist e Charles Champetier, em 2019 já com autoria e direitos reservados unicamente a ela.

Durante seus anos de atuação ativa no *Facebook* a Legião Identitária divulgou e trocou informações com diversas páginas e redes parceiras, dentre elas destacamos, *Tradutores de direita* (238 mil curtidas no *Facebook*) *Contra os acadêmicos* (111 mil curtidas), *Sociedade Chesterton Brasil* (62 mil curtidas), *Fundação Virtus* (10 mil curtidas), dentre muitas outras, ativas ou inativas. Contudo, uma das especificidades da Legião em relação aos outros movimentos identitários está no seu apoio ao movimento separatista *O sul é meu país* (122 mil curtidas). Dentre os motivos de apoio, o grupo cita: demografia, segurança, concepção de estado, falência do estado Brasil, vontade do povo sulista, um ponto de destaque é novamente a questão étnica:

A questão separatista cresce cada vez mais no Brasil. O movimento O Sul é o Meu País existe há mais de 20 anos no Sul e estão surgindo cada vez mais movimentos nas demais regiões do país. O motivo principal para a ascensão desses movimentos são a insatisfação política e econômica frente ao cenário nacional (...) Casamentos de intercâmbio étnico são formas de destruir um povo e cultura. A diluição do sangue e a substituição populacional podem contribuir para a aceleração do desaparecimento do caráter homogêneo da região Sul. A proporção populacional eurodescendente diminuiu nas últimas décadas. A população branca é a que menos cresce no sul, com uma taxa média geométrica de 1,47, enquanto a negra cresce 3,68 e a parda 2,06. Em 2000 o censo indicava que a população branca era 84% da população. Em 2006 diminuiu 5%. Isso acontece não só porque as taxas de reprodução são



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



menores, mas por conta do fluxo migratório conforme apontado acima (LEGIÃO IDENTITÁRIA, 2017).

A justificativa de “substituição populacional” com base na composição demográfica e étnica do povo sulista é semelhante a dada nas teorias da “Grande Substituição” e “Remigração” do movimento identitário europeu. Não é surpresa o apoio ao separatismo e ao grupo “O Sul é meu país” mesmo com discordâncias em relação as questões econômicas visto que esse último também pauta questões da afirmação identitária em seus valores e principais membros, ainda que de forma mais discreta do que a Legião.

Conforme Celso Deucher, uma das principais referências intelectuais do grupo separatista, o povo sulista possui uma “identidade comum” com características ideológicas semelhantes como a “aversão as cotas e os programas sociais de assistencialismo” (DEUCHER, 2016). Conforme observa Fernando Luís Rech em seu estudo sobre o grupo, apesar de não advogarem por uma secessão ou separação étnica, é constante a propagação de imagens, registros de reuniões e capas de revistas do movimento destacando homens adultos e brancos e em menor quantidade, mulheres (RECH, 2017, p. 41-4).

Talvez a grande diferença entre os movimentos identitários internacionais e a Legião Identitária além da atuação nas ruas, seja o posicionamento político nas eleições. Apesar de atuarem em defesa do movimento político separatista, a Legião Identitária pouco se posicionou oficialmente em relação aos movimentos políticos seja mundial ou nacional. Em raros sinais, apoiaram a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos (LEGIÃO IDENTITÁRIA, 2017), fizeram campanha para Marine Le Pen na França (LEGIÃO IDENTITÁRIA, 2017), divulgam frases nacionalistas de Viktor Orbán (LEGIÃO IDENTITÁRIA, 2017), e se posicionam contra a perseguição étnica e política sofrida pelos fazendeiros brancos sul-africanos (LEGIÃO IDENTITÁRIA, 2018). De maneira geral, a quase totalidade das postagens que dizem respeito à política internacional referem-se em tom crítico aos muçulmanos e a política de imigração na Europa.

Se podemos aferir que o crescimento exponencial do movimento identitário na Europa em 2016 fez com que a Legião Identitária nascesse e ganhasse fôlego devido à conjuntura política favorável, com a derrota de Donald Trump nas eleições de 2020, o cerceamento dos principais movimentos identitários na Europa e a falta de apoio institucional no Brasil, apesar da eleição de Jair Bolsonaro em 2018 que, mesmo não pronunciada, é quase evidente que seus



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



membros o apoiaram, a Legião Identitária viu-se desamparada e sem margem política para crescimento. A falta de espaço midiático de alternativas políticas, associada a crise financeira que assola o país e a perda dos principais referenciais intelectuais em cenário europeu⁹ fez que o movimento identitário brasileiro se estagnasse. O grupo de fato pouco cresceu nos anos de 2019 e 2020, vindo a declarar hiato nos primeiros meses de 2021.

É um erro assumir que esses grupos, pequenos, mas potencialmente influentes, mesmo após ataques, hiatos e pressões externas chegaram ao seu fim. Enquanto houver imigração, assimilação e multiculturalismo, haverá luta e ações combativas. Para Willinger, constantemente compartilhado pela Legião Identitária, “Os sintomas já estão presentes em nossa sociedade e precisamos combatê-los o quanto antes, impossibilitando que a doença do progressismo se torne epidêmica” (WILLINGER, 2016, p. 08). Trata-se de um movimento permanente, hora oculto noutra em sua face exposta nas ruas e nos meios digitais, daí a necessidade de constante alerta e estudo. Não menos importante, os mecanismos de denúncia e não-compartilhamento nas redes sociais devem ser aderidos e popularizados entre a sociedade civil e intelectual a fim de isolar e não dar voz a grupos de extrema-direita com grande potencial violento.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Autodenominado *Think Tank* cultural, a Legião Identitária teve seu auge de atuação entre 2016 e 2018. Centrada quase exclusivamente nos meios digitais, ao contrário de seus pares globais, o grupo obteve relativo sucesso em seu principal objetivo: expansão do ideal identitário e modo combativo para os ditos “inimigos” do povo eurodescendente.

Vimos que a postura *metapolítica* atua justamente na formação de formas culturais coesas e simbólicas em torno das principais linhas de atuação do grupo. São através dos vídeos, traduções de obras, imagens, produção de textos, *memes*, *podcasts* e venda de camisetas que as principais balizas intelectuais do movimento foram incorporadas sempre de maneira moderada, distanciando-se de supremacistas e neonazistas mesmo que em seu interior o diálogo fosse feito e incorporado pelos seus membros.

⁹ Durante o período de atividade do grupo, Guillaume Faye veio a falecer em 6 de março de 2019. E mesmo não fazendo parte do movimento intelectual identitário a perda do filósofo conservador Roger Vernon Scruton em 12 de janeiro de 2020, certamente causou impacto negativo no ambiente cultural intelectual dos grupos conservadores e de direita.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



A rede transnacional do identitarismo de direita é complexa, fluída, com hierarquias e características inerentes à conjuntura nacional e regional dos grupelhos locais, contudo, o substrato ideológico comum pela circulação de temas, militantes, obras e conceitos possuem grande capacidade de penetração nessas especificidades políticas. A rede de poder identitária cria realidades, sujeitos heroicos, linguagens, símbolos e principalmente inimigos em comum. A partir disso, as ações – violentas ou não, – são pensadas e arquitetadas dentro dos grupos; outrossim, a influência de notícias e das externalidades políticas modelam e remodelam o modo de atuação dos grupos e movimento dos militantes transnacionais. Nos parece que a fluidez, agilidade e descentralização através das redes terrestres e digitais são elementos fundamentais para entendermos os mecanismos inerentes aos grupos identitários, independente das regiões globais.

O menosprezo analítico a grupos de extrema-direita pouco agrega para mapeamento e enfrentamento dialético de suas propostas e manifestos. É preciso que os historiadores adotem uma postura intelectual rigorosa para com os eventos de seu tempo, bem como às fontes analisadas, fazendo o cruzamento das diversas tipologias e interpretação crítica dos discursos, fundamental em épocas de *Fake News* e pós-verdades. A projeção que as redes sociais possuem hoje em dia são exponencialmente maiores que os debates e reuniões nas cátedras universitárias, é preciso fazer que história e o historiador acadêmico possua relações simbióticas com a internet, podendo alargar o campo crítico dos “campos de batalha” nas esferas culturais.

REFERÊNCIAS

Fontes Digitais (sites)

Banimento do movimento identitário francês: <https://www.france24.com/en/france/20210303-france-bans-far-right-anti-migrant-group-generation-identity>

Chapa Zero (Facebook) - [Chapa ZERO UFSC | Facebook](#)

Legião Identitária (Facebook) - [Legião Identitária | Facebook](#)

Bibliográficas

BENOIST, Alain de; CHAMPETIER, Charles. **Manifesto por uma Renascença Europeia**. São Paulo: Aquiles, 2019.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



BØRJO, Tore; RAVNDAL, Jacob Aasland. Extreme-Right Violence and Terrorism: Concepts, Patterns, and Responses. **International Centre for Counter-Terrorism Policy Brief**. September, 2019.

CALDEIRA NETO, O. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil”. **Conhecer**: debates entre o público e o privado, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.

CAMUS, Renaud. **Le grand remplacement**. Neuilly-sur-Seine: David Reinharc, 2012.

DEUCHER, Celso. **O sul é meu país**. 2.ed. Brusque: Editora Gesul, 2016.

EAGLETON, Terry. **Ideology**: an introduction. London: Verso, 1991.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, Lda. 1989.

HAIDER, Asad. **Armadilha da identidade**: raça e classe nos dias de hoje. São Paulo: Veneta, 2019.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. 3ª edição Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBSBAWM, Eric J. **Sobre a história**. São Paulo, Companhia das Letas, 1998.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 37, n. 74, p. 135-154, Jan. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882017000100135&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 29 de março de 2021.

MURDOCH, Simon; MULHALL, Joe. **From banners to bullets**: the international identitarian report. London: HOPE not hate Charitable trust, 2019.

RECH, Fernando Luís. **Políticas identitárias e usos do passado no movimento separatista “O SUL É O MEU PAÍS” (1992-2017)**. Chapecó, 2017. Trabalho de conclusão de curso – Licenciatura em História, Universidade Federal da Fronteira Sul.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WILLINGER, Markus. **Geração identitária**: uma declaração de guerra contra os 68tistas. Aquiles Editora, 2016.

WOLFF, Janet. **A produção social da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ZÚQUETE, José Pedro. **The Identitarians**: the movement against globalism and islam in Europe. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2018.